

NARRATIVAS E TRAJETÓRIAS DOCENTES - LEITURAS DO COTIDIANO DE UMA UNIVERSIDADE INTERNACIONALIZADA E INTERIORIZADA

Kewlliane Fernandes de Lima¹, Mário Henrique Castro Benevides²

Resumo: A presente pesquisa busca compreender o cotidiano da UNILAB a partir das narrativas do quadro de docentes efetivos de Ciências Sociais da instituição, que ingressaram até 2015. A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) nasce de um cenário específico, que divide sua matriz política entre interiorização e internacionalização do ensino superior, com intenção declarada em promover, através deste, o desenvolvimento educacional, social, econômico e cultural entre Brasil e CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa). A interpretação dessas experiências por intermédio das narrativas torna-se relevante caminho para entendimento dos processos históricos deste contexto. Percebe-se que essas trajetórias são fundamentadas em identidades individuais e coletivas (HALL, 2000), simbolicamente significativas, que se apresentam nas falas, quanto dificuldades e motivações que representa estar neste lugar. Observou-se, por meio desse levantamento as nuances de como estes professores organizam sua vida cotidiana, social e acadêmica, dentro do contexto da interiorização da educação e de sua carreira – levando em consideração, também, como escolhem contá-las. Os dados para a pesquisa foram coletados entre 2015 e 2016, por meio de entrevistas semiestruturadas e coletivas, na condição de encontros do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Política e Desenvolvimento (GPDE).

Palavras-Chave: Ensino superior. Docentes. Narrativas. Interiorização. Internacionalização.

INTRODUÇÃO

O cotidiano da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia (UNILAB) é constante laboratório de estudos com as mais diferentes ênfases e públicos. Justificadas pelos desafios que vão surgindo aqui, seja da necessidade em se fazer um acervo material ou outra ordem e motivação. Esta pesquisa se soma a mais uma que procura compreender a dinâmica das relações aqui alimentadas. Pretendeu-se analisar parte desta realidade a partir das narrativas dos (as) professores (as) efetivos de Ciências

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras/Sociologia, e-mail: kewlliane-fernandes@hotmail.com

² Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras/Sociologia, e-mail: mario.castro@unilab.edu.br

Sociais que ingressaram até 2015. O objetivo é refletir acerca do trabalho do docente, suas experiências, aliadas a estes contextos e espaços em construção. Considerou-se quem eram as pessoas envolvidas, sobretudo como organizam sua vida cotidiana, acadêmica e de mobilidade – além de como escolhem contar suas histórias. Bem como compreender como esses sujeitos entendem e se percebem no processo de interiorização.

A experiência é fruto do projeto ‘‘Narrativas do ensino superior: a Unilab e o contexto das trajetórias’’ em parceria com o Grupo de Estudos e Pesquisas em Política e Desenvolvimento (GPDE/Unilab). Foram realizadas seis entrevistas entre junho de 2015 e setembro de 2016. No âmbito do GPDE ocorriam encontros semanais ou quinzenais que formavam a base teórica e de estudos para o projeto. Para base teórica utilizou-se autores como Bourdieu e Hall com conceitos teóricos de *habitus* e identidade, além da leitura das Diretrizes da UNILAB e pesquisas anteriores, que investigavam professores universitários em contexto interiorano. Essas foram questões norteadoras que serviram de base interpretativa para os relatos.

Segundo Moraes (2004) a história de vida permite uma escuta atenta das narrativas de professores sobre sua formação. Nela, quem decide o que deve ou não ser contado é o narrador, ainda que seja o pesquisador que dirija a conversa. Para Bourdieu (1989) as estruturas estruturantes formam um conjunto gerador e unificador de ações e ideologias ligado a um grupo de agentes. Ou seja, é um sistema de poder socialmente construído, que influencia na percepção da realidade por mecanismos também subjetivos as escolhas individuais. Além do reconhecimento do *habitus*, de ferramentas que guiam nosso cotidiano, o modo de escolha em como contar uma trajetória cria mais camadas de complexidades, novas ressignificações e sentidos.

A construção de uma história de vida não se esgota em seu aspecto único e singular: mantém uma relação profunda com os fatos e acontecimentos do coletivo e, por isso mesmo, encontra eco em outras histórias que perpassam e se tecem no social (MORAES, 2004, p. 170).

Deste modo, o intuito é utilizar as histórias de vida como forma de investigação. A narrativa dessas trajetórias possibilita reflexão de quem são os sujeitos da

universidade a partir do relato do entrevistado, que também ressignifica suas memórias. Produzimos, desse modo, um panorama preliminar da realidade socioprofissional dos entrevistados, buscando entender os contextos inter-relacionados.

METODOLOGIA

Os dados foram coletados entre junho de 2015 e setembro de 2016, por meio de entrevistas semiestruturadas e coletivas, gravadas em áudio, na condição de encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Política e Desenvolvimento (GPDE). A mediação ocorria entre dois até seis entrevistadores e um entrevistado por vez, no âmbito da própria UNILAB. As primeiras entrevistas foram realizadas com os docentes da Sociologia, em seguida, da Antropologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades executadas buscaram produzir um estudo e acervo material acerca dos sujeitos que formam o cotidiano da UNILAB, com fase primeira nos docentes. Para sua consolidação, anterior a cada entrevista, se fazia necessário o estudo do currículo Lattes para se fazer aporte para as perguntas do questionário. Buscou-se ao máximo guiá-las sempre de modo dialogado e intercalado, levando em consideração também a forma de contar dessas histórias por parte dos entrevistados, pois não há linearidade.

As primeiras entrevistas foram realizadas com os docentes da Sociologia, em seguida, da Antropologia, ingressos até 2015 e que tinham disponibilidade em participar. Composto assim, um cenário de quatro professores e duas professoras. Todos brasileiros. Quatro cearenses e o restante oriundo do eixo Sul-Sudeste, Rio Grande do Sul e São Paulo. Integrando formação acadêmica de doutoramento entre a Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade de São Paulo (USP). Não foi proposital a limitação aos profissionais nacionais. Entretanto, notou-se semelhanças e memórias compartilhadas, como a frequência na mesma instituição de ensino, os mesmos professores e vivências.

Optou-se por analisar as falas a partir de conceitos teóricos como identidade e representação que vão se somando espontaneamente a outras categorias em comuns e

constantes nas falas, tais como: a política, a militância e as questões de gênero, neste último caso, não somente por que as mulheres são a minoria, mas, sobretudo pela reflexão do que isso significa. Além da evidência em se perceberem em espaços majoritariamente masculinos, as suas pesquisas também são dirigidas a um intento pessoal, de indagações e desconfortos particulares que as motivaram no campo dos estudos das relações étnico-raciais. Num momento em que não havia constância e naturalidade desse debate por parte das universidades. Nestas falas existe a intenção declarada em observar a UNILAB como lugar possível para o desenvolvimento dessas temáticas, além do contato com o alunato internacional.

Compreender quem são os sujeitos da UNILAB levando em conta sua individualidade e as representações coletivas significa traçar perfis identitários e do cotidiano da instituição. O conceito de identidade desenvolvido por Hall (2000) configura a noção de que estas passam por mudanças e transformações constantes, elaboradas dentro do discurso e ‘produzidas em locais históricos e institucionais específicos. (...) Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder’ (p.109). Implica em dizer que também são percebidas e atenuadas em contato com a diferença. Formadas por um poder de construção da realidade (BOURDIEU, 1989).

CONCLUSÕES

Todos estes professores estudaram em grandes centros. Então ensinar no interior significa mudar o público-alvo, que no caso da UNILAB, é somado a característica de internacionalização. O deslocamento territorial se faz evidente e um dos responsáveis pelas modificações das relações interpessoais e de espaço, de adaptabilidade ou estranhamento. A maioria opta por residir em Fortaleza, tanto por ser condição anterior a entrada nesta universidade ou por outras motivações.

A escolha em estar na UNILAB se evidencia nas falas por duas características principais no quesito profissional: o mérito em ser docente da instituição pública, quanto pelo reconhecimento como campo fértil para o desenvolvimento da pesquisa na área étnico-racial, sobretudo de quem já o estudava anteriormente. Das dificuldades e desafios, está a própria mobilidade espacial e a integração – a nível interno institucional – da

relação ou não com a cidade e de como é perceber a si mesmo quanto sujeitos formados em ambientes tradicionais. Aqui, as implicações se dão desde o entendimento das Diretrizes da UNILAB até as nuances do que significa fazer parte de um cenário que literalmente precisa ser construído, que não possui modelos anteriores e conjunturalmente inovador na proposta. Concepções que registram o desafio da formação da identidade professoral por todas essas multiplicidades de sentidos.

Outra dimensão problematizada está no olhar além dos muros, ao observar o Maciço de Baturité. Do quão é desafiador e indispensável alcançar integração e desenhar uma identidade regional que não seja descontextualizada e descolada do internacional em face da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). No propósito de compromisso social mesmo e não somente do econômico, como único efeito percebido. A longo prazo, a maioria se vê ainda na UNILAB, desenvolvendo ensino e pesquisa, contribuindo e abrindo espaço do que entendem sobre a universidade pública.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador pela confiança e oportunidade, a instituição pela possibilidade da realização da pesquisa e aos entrevistados pela disponibilidade.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Cap. 1-2. p. 6-57.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. In Pro-Posições, v.15, n.2 (44) – maio/ago.2004